

# Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe\*

GERALD HUBMANN\*\*

A mudança histórica do ano de 1989 deu oportunidade para que a edição de Marx e Engels, até então predominantemente político-ideológica, se tornasse uma pesquisa orientada filologicamente. Na primeira parte deste texto, quero assinalar a minha contribuição nesse sentido. Na segunda parte, tentarei esboçar as novas perspectivas para a obra de Marx que se produziram a partir da “virada filológica” da *Marx-Engels Gesamtausgabe* (MEGA 2)<sup>1</sup> a partir de 1990.

As dificuldades no trato da obra completa e com o legado póstumo de Marx começaram já imediatamente depois da sua morte. Como exemplo disso serve aqui *O capital*, a obra considerada a principal pelo marxismo-leninismo. Como se sabe, *O capital* compreende três livros. O primeiro, que analisa o processo de produção, apareceu inicialmente em 1867, e depois em 1872, numa segunda edição.

\* Publicado em SELL, Anette (org.). *Editionen: Wandel und Wirkung*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p.187-201. Tradução de Jorge Grespan.

\*\* Diretor executivo da MEGA.

1 Trata-se, como também no título deste artigo, da edição completa da obra de Marx e Engels, conhecida pelas iniciais alemãs MEGA, cujo projeto difere da edição Marx-Engels Werke (MEW), por motivos que o texto a seguir esclarecerá. Conservamos no texto por isso o nome no idioma original. O algarismo 2 que segue às vezes a palavra MEGA se refere à retomada da edição depois de 1975, com a mudança de perspectiva também esclarecida pelo texto, e não deve ser confundida com o II em algarismo romano, que alternativamente às vezes segue o MEGA e que se refere à segunda seção da obra, dedicada a *O capital* e escritos preparatórios. Cada uma das quatro seções é composta por vários volumes, indicados na bibliografia por algarismo arábico seguindo ao romano e separado desse por um travessão (N. T.).

Passando para o Livro II, sobre o processo de circulação do capital, editado por Friedrich Engels apenas dois anos após a morte de Marx, o ano de aparecimento é 1885. Do mesmo modo, o Livro III não foi publicado por Marx, mas por Engels no ano de 1894. O próprio Marx só publicou um livro de *O capital*, portanto. E, como lemos na primeira página do prefácio de Engels ao Livro II, o trabalho de edição foi muito difícil devido ao “grande número de redações existentes, em geral fragmentárias” de Marx (Marx, 1963, p.7). Também para o Livro III Engels relata grandes dificuldades com o material,<sup>2</sup> em especial porque ele, como se pode constatar em sua correspondência, de modo algum estava informado sobre o estado do trabalho e do pensamento de Marx.<sup>3</sup> Engels compôs o seu texto a partir de vários manuscritos de Marx, provenientes de épocas diversas. Entre os anos de 1864 e 1875, Marx deixou ao todo 847 folhas de caderno. A título de mera ilustração de como se afigurou então a elaboração de Engels:<sup>4</sup> para as três primeiras seções do capítulo 1, Marx deixou mais de duzentas páginas manuscritas, bem como três começos de capítulo; Engels compôs isso em quarenta páginas impressas. Também foi ele que fez a montagem em capítulos do Livro III e que escreveu o capítulo 4, pois havia encontrado em Marx só o seu título; e assim por diante. Pode-se dizer, portanto, que a obra principal do marxismo-leninismo, *O capital*, não existe como tal – no sentido filológico de uma obra acabada e autorizada. Apenas um dos três livros foi elaborado por Marx. Até que ponto Marx de fato avançou em sua elaboração, especialmente no Livro III, que trata do processo global da produção capitalista – incluindo a tese do colapso –, é algo que só poderá ser averiguado no futuro, quando todos os manuscritos de Marx forem editados na *MEGA 2*.

Voltarei à questão da autenticidade de *O capital* adiante; aqui quero entrar em seguida no aspecto da história editorial.

Pode-se perguntar o que exatamente teria levado Engels a compilar do modo descrito os manuscritos incompletos de Marx e a publicá-los como Livro II e III de *O capital*? De falta de seriedade não se pode acusar Engels, conforme documentado inequivocamente nas pesquisas crítico-textuais agora disponíveis<sup>5</sup> na *MEGA 2*. Durante os onze anos (!) de trabalho de decifração e redação, Engels se esforçou em fazer o melhor possível a partir do material encontrado, cuja situação

2 Ele tinha diante de si só um “primeiro esboço, muito lacunar” com “pensamentos anotados *in statu nascendi*”, relata Engels no Prefácio do Livro III (Marx, 2004, p.6).

3 Marx escreve a Engels em 18 de fevereiro de 1866 que o manuscrito de *O capital* estava “enorme na sua forma atual, impossível de editar por ninguém além de mim, nem mesmo por ti” (Marx; Engels, 1965, p.178). Depois da morte de Marx, Engels não estava seguro sequer de que o manuscrito dos livros restantes tivesse sido deixado, dizendo a Lavrov (carta de Engels a Lavrov, 2 de abril de 1883) que Marx havia “sempre mantido em segredo o estado do seu trabalho” para ele e para a sua família (Engels, 1967, p.3).

4 Uma apresentação detalhada do texto de transposição, do processo de redação, das inserções e mudanças textuais de Engels se encontra na *MEGA II/14* (Marx, 2003, p.391-431, 457-489) e na *MEGA II/15* (Marx, 2004, p.917-925). Para o trabalho de Engels no manuscrito de redação do Livro II de *O capital*, ver Marx (2005, p.497-523, 529-552).

5 Ver sobre isso os textos apontados na nota anterior.

ele descreve com veracidade nos prefácios; além disso, deve se considerar que ele não tinha à disposição um instrumental moderno crítico-textual – contemporâneos como Werner Sombart julgavam o seu procedimento como excesso de acribia e eram da opinião de que teria sido mais adequada uma “elaboração preocupada com o sentido” do conteúdo dos manuscritos de Marx.<sup>6</sup> A melhor resposta à questão acima é a seguinte: o que tornou necessário publicar os livros foram expectativas políticas. Amigos e adversários queriam saber, depois da morte de Marx, onde estavam os livros faltantes de *O capital* e o que seria da obra teórica fundamental do socialismo científico.<sup>7</sup> Surgiu logo a suspeita de que estes textos simplesmente não existiam. Sob um ponto de vista político, nada mais restava a Engels senão indicar a existência dos manuscritos de Marx, anunciar a sua iminente publicação, publicá-los enfim, por incompletos que estivessem<sup>8</sup> e – e isso foi pleno de consequências – sugeri-los como uma possível conclusão da obra.<sup>9</sup> Acima do objetivo de uma autêntica prospecção do legado de Marx, o que predominou para Engels foi tornar este legado politicamente funcional – ao que se ligou à ideia de popularização.<sup>10</sup> Isso pode de fato ser legítimo na perspectiva da época e de acordo com as intenções políticas de Marx e Engels, mas desloca o

- 6 O juízo de Sombart explicita a convicção da época, totalmente distinta do entendimento atual sobre a autenticidade do texto: na medida em que Engels publicou o material manuscrito na “forma original”, ele teria “procedido com excesso de escrupulo” e “prejudicado seguramente o caráter global da obra”. Em vez disso, teria sido interessante “extrair as linhas básicas do sistema” como um todo; e se talvez a central “seção quinta (teoria do crédito e dos Bancos) estivesse na forma mais incompleta possível no manuscrito, ele poderia certamente tê-la resumido em poucas frases, mas ‘in extenso’, sem interromper o sistema ou demorar-se em algum lugar” (Sombart, 1894, p.555-594).
- 7 Havia uma tensão não apenas na social-democracia alemã, como no campo científico inclusive no exterior: o economista italiano Achille Loria afirmava desde 1883 que Marx de fato anunciara uma continuação de *O capital*, mas nunca chegara a escrevê-la. Para detalhes disso, ver a *MEGA*, II/14 (Marx, 2003, p.391-393, 440-443, 482-485) e a *MEGA*, II/15 (Marx, 2004, p.930-942).
- 8 Durante o seu trabalho de redação nos manuscritos, Engels atçou as expectativas já elevadas existentes por toda parte, tanto no sentido do conteúdo como no político. Ele assim escreve sobre o Livro III de *O capital* em carta de 4 de abril de 1885 a August Bebel: “É excepcionalmente brilhante. Esta reviravolta da velha economia de fato é inesperada. Só com ela a nossa teoria adquirirá uma base inabalável e estaremos capacitados para fazer frente de batalha vitoriosa em todos os flancos” (Engels, 1967, p.293). Também para Sorge (3 de junho de 1885), ele anuncia que o Livro III terá “o efeito de uma explosão, pois só nele o todo da produção capitalista é tratado em seu conjunto e a economia burguesa oficial toda é lançada aos ares” (Engels, 1967, p.324).
- 9 Nas palavras iniciais do seu prefácio, Engels avalia o Livro III como “conclusão da parte teórica” da “obra máxima de Marx”, então dada a público – não obstante o caráter “ao máximo lacunar” dos manuscritos deixados por Marx, sobre o qual ele relata mais detalhadamente, que para a “seção V, a mais complicada do livro todo, [...] nem ao menos um esquema (foi deixado), mas apenas um começo de redação, que acaba sendo mais um desordenado monte de notas, observações, materiais, em forma de excertos” (Marx, 2004, p.5-8).
- 10 *O capital* devia servir como meio de luta dos trabalhadores, como “pièce de résistance”, escreveu Engels a F. Kelley-Wischnewetzky em 13-14 de agosto de 1886, declarando-se favorável à “edição de uma série de brochuras, que reproduzam *O capital* de forma popular” (Engels, 1967, p.624). Nesse sentido, ver também carta de Engels a F. A. Sorge de 10 de março de 1887 (Engels, 1967, p.624).

olhar da questão do teor objetivo e da consistência teórica de *O capital* – uma questão sempre da maior importância para Marx.<sup>11</sup>

Também nas décadas seguintes, até 1989, os partidos estatais não deixavam dúvida de que o fragmento deixado como projeto sistemático de *O capital* deveria ser visto como a obra principal do marxismo-leninismo. Essa politização naturalmente valia não só para o caso de *O capital*, aqui citado como exemplo, mas se estendia à obra completa de Marx (e Engels).<sup>12</sup> O primado da ideologia foi questionado, no entanto, e já de fato num momento inicial. O herege foi David Riazanov (1870-1938), importante intelectual russo que desde 1907 vivia em exílio na Alemanha e na Suíça.<sup>13</sup> Quando terminou o congresso mundial da Internacional Comunista em 1924, Riazanov foi encarregado de preparar uma edição completa das obras de Marx e Engels. Nos anos anteriores, depois da revolução, ele já organizara uma ampla biblioteca e um arquivo da história social europeia em Moscou. Entre 1917 e 1930 o Instituto Marx-Engels (MEI) reuniu sob sua direção mais de 450 mil livros e panfletos, algo como 15 mil documentos originais e 150 mil fotocópias – entre as quais microfimes dos manuscritos de Marx e Engels. Para isso Riazanov era o editor ideal. Mas não, por outro lado: Riazanov concebeu, como filólogo que era, uma edição completa de Marx e Engels<sup>14</sup> planejada para quarenta volumes e em que deveria ser editado tudo o que fora deixado por Marx e Engels de modo realmente histórico-crítico.<sup>15</sup> “Nossa edição pretende principalmente oferecer as bases objetivas para qualquer pesquisa sobre Marx e Engels, isto é, reproduzir de modo confiável a herança intelectual completa de Marx e de Engels em uma ordenação clara” (Riazanov, 1927, p.XXII).

- 11 Não obstante toda finalidade política, Marx não queria ver *O capital* como um escrito de luta política, mas como uma obra comprometida apenas com exigências científicas. “Entendes, *my dear fellow*”, escreve ele a Engels em 20 de fevereiro de 1866, “que em um trabalho como o meu devem existir muitos *shortcomings* de detalhe. Mas a *composição*, o nexo, é um triunfo da ciência alemã que um indivíduo alemão pode reconhecer, pois ela *in no way* é seu mérito, ela pertence à *nação*. Isso é ainda mais engraçado, pois ela é a mais tola nação sob o sol” (Marx; Engels, 1965, p.183). Conforme a autocompreensão de Marx, portanto, o seu projeto econômico constitui um sistema de conceitos na tradição da filosofia e da ciência alemã. Para isso contribui que em passagens seguintes da sua carta, ele se refira com reconhecimento a novas pesquisas de Justus Liebig e a sua relação a Hegel, para encerrar com estas palavras: “*I feel proud of the germans. It is our duty to emancipate this, deep ‘people’*”. Nesse sentido (ver carta de Marx a F. Lassalle, 22 de fevereiro de 1858), desde sempre Marx planejava conduzir a sua crítica das “categorias econômicas” burguesas totalmente dentro do método da filosofia alemã, como “apresentação do sistema e, pela apresentação, crítica do mesmo” (Marx; Engels, 2003, p.72).
- 12 Como exemplo a mais do ambiente de acomodação ideológica, lembremos da edição lacunar, preparada por Bebel e Bernstein em 1913, da correspondência entre Marx e Engels, na qual o material foi selecionado e corrigido com “propósitos propagandísticos” (Bebel, 1913). Além disso, ver agora em detalhe e com relação ao material de arquivo a *MEGA*, III/9 (Marx, 1991, p.657-666).
- 13 Ver livro de Külov e Jaroslavski (1993) e também documentos recém-publicados pela revista *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge* (2001).
- 14 “Marx-Engels Gesamtausgabe” no original alemão, ou seja, o nome da edição já indicava o projeto da *MEGA* (N.T.).
- 15 Ver o livro de Bahne (1983, p.146-165).

O que Riazanov chamou à vida foi a primeira Marx-Engels Gesamtausgabe, a assim chamada “primeira *MEGA*”, concebida para quarenta volumes em três seções. Riazanov queria imprimir não só os desejados trabalhos político-partidários, mas o legado inteiro. Já antes ele havia publicado centenas de artigos escritos por Marx e Engels para a imprensa norte-americana, desconhecidos até ali, e defendia publicar também os esboços de *O capital* feitos por Marx, para “poder trabalhar com o material direto” (Külov; Jaroslavski, 1993, p.17, 54-63). Além disso, no quadro da *MEGA*, ele começou a preparar os escritos filosóficos de juventude, que documentavam o enraizamento de Marx na filosofia do Idealismo Alemão. E de fato os *Manuscritos econômico-filosóficos* e *A ideologia alemã* foram aqui publicados pela primeira vez. Mais longe Riazanov não foi. Em 1927 apareceu o primeiro volume da primeira *MEGA*; em 1930 ele foi excluído do partido e banido junto com seus colaboradores – entre os quais, Georg Lukács.<sup>16</sup> Em 21 de janeiro de 1938, Riazanov foi condenado à morte por traição à União Soviética e executado. Após a sua destituição por ordens ortodoxas, apareceram ao todo onze volumes da primeira *MEGA*, junto com volumes de cartas, até que, em 1935, o empreendimento foi definitivamente interrompido.

O que aconteceu depois com a publicação da obra de Marx?<sup>17</sup> O Instituto para Marxismo-Leninismo do partido junto ao Comitê Central do PCURSS retomou a tarefa e publicou até 1966 duas edições russas. De importância é sobretudo a segunda *Socinenija*, que apareceu entre 1954 e 1966 em 39 volumes, mais volumes complementares. Pois se tratava aqui da publicação até então mais abrangente da herança literária de Marx e Engels – e ela apareceu primeiro em língua russa. Além disso, algo pouco sabido, a *Marx-Engels Werke* (conhecida por *MEW*), igualmente com 39 volumes e editada pelo Instituto para Marxismo-Leninismo (IML) alemão junto ao Comitê Central do SED<sup>18</sup> se baseou nos princípios de organização e edição da similar russa.<sup>19</sup> Os volumes publicados entre 1956 e 1968 da *MEW* (com intervalo de dois anos em relação à edição russa, portanto) atingiram a tiragem total de alguns milhões de exemplares e estão até hoje em uso.

De um ponto de vista editorial, a *MEW* oferece uma imagem contraditória. Por um lado, ela corresponde ao tipo de edição de estudo, que tem a exigência de publicar todos os trabalhos completos, os escritos e artigos, juntamente com uma seleção de manuscritos e projetos e todas as cartas de Marx e de Engels. A *MEW* compreende 1.700 escritos, incluindo alguns trabalhos até a época desconhecidos,

16 Os expurgos no MEI de Moscou ocorreram já em 1931, com relatos posteriores questionáveis, de acordo com as quais a primeira *MEGA* foi basicamente uma vítima do “estabelecimento da ditadura fascista na Alemanha”. Nesse sentido, por exemplo, ver Dlubek (1992, p.43-55).

17 Sobre isso, especificamente, ver Sperl (2005).

18 Sigla alemã do Sozialistische Einheitspartei Deutschlands, partido no governo da Alemanha Oriental e formado por frações da antiga Social Democracia e do Partido Comunista depois da Segunda Guerra Mundial (N. T.).

19 *Marx-Engels Werke* (MEW): 39 volumes publicados em Berlim entre 1956-1968 e quatro volumes complementares publicados entre 1967 e 1989.

e 4.170 cartas, entre as quais pela primeira vez também cartas de Marx e Engels a terceiras pessoas.<sup>20</sup> Assim a edição oferece, por um lado, uma documentação textual comparativamente ampla. Por outro, contudo, a edição devia fornecer “a ferramenta intelectual ao proletariado em sua luta contra a escravidão capitalista”, como diz o prefácio do primeiro volume, na prosa de combate do socialismo real. A *MEW* devia assim servir de cânon formador do ideário socialista, e exatamente isso impediu uma apresentação adequada da obra. Pois, em primeiro lugar, por esse motivo foram selecionados e suprimidos textos. Isso explica a falta de todas as cartas dirigidas a Marx e a Engels, bem como a supressão de escritos políticos, tais como as “Revelations on the diplomatic history in the 18th century” de Marx;<sup>21</sup> mas acima de tudo, a supressão dos escritos filosóficos de juventude, como os *Manuscriptos econômico-filosóficos*, inicialmente deixados de lado e só muitos anos depois publicados em um volume complementar, devido a protestos vindos inclusive do bloco oriental.

Em segundo lugar, entretanto, e isso é ainda mais difícil de pesar, as contaminações ideológicas e as interpretações politicamente motivadas na *MEW* levaram em geral a uma comentação errônea, de modo a impedir que os textos de Marx e Engels fossem adequadamente situados no contexto histórico. Um exemplo curioso disso é que o orgulho nacional doentio russo não admitiu uma avaliação apropriada dos trabalhos sobre ciência militar de Engels.<sup>22</sup> O lado mais grave de tais asserções interpretativas ainda tem de ser discutido para o caso de *A ideologia alemã*.

O trato ideológico com a obra de Marx teve, por outro lado, o seu correlato também no ocidente. Pois é óbvio o fato de que nem na Alemanha Ocidental nem em qualquer outro país – por exemplo, na Holanda, onde está depositada grande parte do legado de Marx, ou na Grã-Bretanha, onde Marx viveu boa parte de sua vida – nenhuma instituição tenha começado uma edição abrangente e crítico-textual de Marx; um fato eminentemente político: Marx, “a maior força intelectual do século XIX” (Blumenberg, 1962, p.7), foi eliminado como cânon clássico (como quer que se o defina) no ocidente. Enquanto isso, a *MEW* do governo do SED pôde avançar também no ocidente como edição standard, mesmo para a edição de estudos em quatro volumes de Iring Fetscher, com textos primorosamente selecionados e brilhantemente comentados, que desde 1966 teve repetidas tiragens. Também na edição mais abrangente da Alemanha Ocidental, a edição de

20 Sobre isso, ver Sperl (2005).

21 Também os estudos de Engels sobre o pan-eslavismo não foram incorporados. Eles agora se encontram no I/14 da *MEGA* (Marx; Engels, 2001).

22 Nas suas contribuições para o léxico americano *New American Cyclopedia*, Engels teria “feito um julgamento unilateral da batalha de Borodino e no verbete ‘Barclay de Tolly’ diminuiu o papel do grande marechal russo M. I. Kutusov”. O motivo do desfiguramento da “arte de guerra russa” foi visto em “trabalhos tendenciosos de historiadores europeus ocidentais”, nos quais Engels se baseou (Marx; Engels, 1961, p.XIII, 746).

estudos em seis volumes que apareceu pela Cotta-Verlag no começo dos anos 1960, o editor Hans-Joachim Lieber reclamou da “ainda ausente *Marx-Engels Gesamtausgabe*” e de ter de basear por isso a sua seleção de textos na *MEW* e na primeira *MEGA* (Furth; Lieber, 1960-1964, p.989). No mais, porém, a edição de Lieber foi entendida como uma correção da edição da Alemanha Oriental: se nessa última se enfatizava a unidade da obra de Marx e de Engels, Lieber valorizou as diferenças reconhecidas e apresentou uma pura edição de Marx, focada nos escritos político-históricos até então ausentes da edição oriental – como a acima mencionada “Revelations on the diplomatic history in the 18th century”, suprimida da *MEW* – e sobre os escritos filosóficos de juventude. Dessa forma, a edição Marx-Engels se movia no campo de forças da política.<sup>23</sup>

Entrementes, renovavam-se esforços, em especial na RDA, para recomeçar ou retomar a edição completa e crítica iniciada por Riazanov. Nos anos 1960, Ulbricht chegou a convocar para erigir tal monumento “os melhores filhos da nação alemã” (Marx; Engels, 1961, p.IX), como eles então se chamavam – de fato, em 1964 Ulbricht chegou a escrever sobre o assunto para Khrushov.<sup>24</sup> No entanto, havia ceticismo em Moscou: os textos necessários para apoiar o cânon ideológico já haviam sido publicados. Além disso, Moscou vetava qualquer emprego do adjetivo “crítico”, inclusive no título de uma edição histórico-crítica, e por fim não admitia que, com toda a importância de Marx e Engels, a edição completa planejada tivesse o dobro de volumes da edição das obras de Lênin. O ceticismo predominava em relação a um “academicismo” desagregador e um historicismo relativista. Seria permitida, de todo modo, uma edição de estudos políticos. Depois de uma negociação de mais de dez anos, realizou-se o famoso projeto soviético-alemão de uma nova *Marx-Engels Gesamtausgabe*: em 1975 apareceu o primeiro volume da “segunda *MEGA*”. A edição – que não deveria ter o nome de histórico-crítica, mas que pelos princípios editoriais de fundo filológico o era da mesma forma – foi organizada para ter 165 volumes duplos (texto editado e correspondente Aparato Crítico<sup>25</sup> sempre à parte), divididos em quatro seções:

- I) Obras, Artigos, Rascunhos (35 volumes)
- II) *O capital* e os escritos preparatórios (15 volumes)
- III) Correspondência, agora completa, com as cartas dirigidas a Marx e Engels (40 volumes)
- IV) Notas, material manuscrito adicional e apontamentos de livros (75 volumes).

23 Ver também a apresentação abrangente de Rojahn (1998, p.133-204).

24 Ver Dlubek (1992, nota 17) e Dlubek (1994).

25 Trata-se de volume publicado em separado, contendo explicações sobre o procedimento dos editores e as indicações textuais necessárias para o trabalho científico filológico, tais como o índice de variantes e o de correções feitas pelos próprios autores (Marx e Engels) nos textos publicados no tomo principal. Cada livro da *MEGA* vem seguido de um livro de Aparato Crítico (N.T.).

As normas editoriais postas em discussão preliminar já num volume de prova de 1972 orientavam-se por conceitos editoriais modernos dos estudos de germanística e foram positivamente aceitos por especialistas orientais e ocidentais.<sup>26</sup> Com isso, a edição obedecia aos seguintes preceitos básicos:<sup>27</sup>

- 1 – Absoluta integridade e fidelidade à linguagem original. Só assim pode se evitar uma seleção motivada tendenciosamente. Todas as versões transmitidas de uma obra devem ser consideradas igualmente válidas.
- 2 – Ordenamento estritamente cronológico dos textos dentro das seções.
- 3 – Estabelecimento do próprio texto, com reprodução fiel ao original correspondendo aos testemunhos textuais subjacentes na conservação de sua ortografia e pontuação. Nenhuma contaminação textual. Indicação clara das intervenções redacionais.
- 4 – Apresentação completa da gênese do texto, tanto nas versões manuscritas quanto impressas – tal princípio, em especial, recebeu resistências por parte do Centro de Memória e Pesquisa de Weimer, bem como do lado russo, que insistiam que “documentar a ‘gênese’ dos textos individuais” não podia ser a tarefa de uma edição (Dlubek, 1994, p.94).
- 5 – Por fim, um esclarecimento abrangente do texto mediante a apresentação da gênese e da transmissão, explicações e Aparato Crítico de registro.

Em Berlim e Moscou, bem como em grupos de trabalho universitários, cerca de 150 pessoas colaboraram na edição, de modo que a *MEGA 2* consistiu no maior projeto de cooperação russo-alemão no campo das ciências humanas.

De qualquer modo, a edição continuou sendo assunto do partido – quem publicava era o Instituto de Marxismo-Leninismo junto ao Comitê Central do SED e do PCURSS – e por isso esta edição não saiu sem asserções políticas: os editores deviam “se conduzir pelas explanações de Lênin sobre a origem, a formação e as etapas de desenvolvimento mais importantes do marxismo” (Marx, 1975, p.28), o que se realizava nas introduções dos volumes, inserindo os textos num quadro de referência teleológico. Também partes do Aparato Crítico foram julgadas desfavoravelmente, pelo que um balanço intermediário feito depois do aparecimento dos dez volumes iniciais reivindicou um “reforço da argumentação claramente partidária nos comentários” (Kundel; Malysch, 1981, p.290). Nos índices remissivos, o caráter de uma edição histórico-crítica era até invertido, quando se dizia que ela devia conter “principalmente todos os conceitos teóricos e políticos do marxismo” (Kundel; Malysch, 1981, p.291) – em vez dos conceitos dos autores – e mesmo o índice onomástico servia a qualificações políticas. Em seu conjunto, a orientação político-partidária impedia de estabelecer as bases

---

26 Ver Marx e Engels (1972). Sobre a ressonância internacional do volume de prova, ver Dlubek (1994, p.87-91).

27 Reprodução resumida de Sperl (2005).



para um comentário adequado aos fins de pesquisa, pois trabalhos não marxistas eram desconsiderados.

Mais ainda, intervenções politicamente motivadas encontravam-se não apenas nos comentários, como também no plano da exposição do próprio texto. A título de exemplo, o princípio editorial subjacente de ordenar o texto cronologicamente não foi observado já na primeira edição, na medida em que textos pelos quais “Marx intervinha nos debates teóricos e políticos de seu tempo” (Marx, 1975, p.81) foram colocados de modo manifesto no começo do volume e, assim, acentuados. No segundo volume de anotações da quarta seção da *MEGA*, os estudos iniciais de economistas alemães (Schütz, List, Osiander) feitos por Marx foram postos depois dos seus estudos posteriores, mais avançados teoricamente, sobre autores ingleses e franceses (Smith, Ricardo, Destutt de Tracy).<sup>28</sup> Em outros casos a ordenação cronológico-genética dos manuscritos foi complementada pela reconstrução lógico-sistemática de “obras”.<sup>29</sup> Também a orientação de dedicar a segunda seção inteira a “*O capital* e escritos preparatórios” correspondia à concepção difundida por toda parte de que *O capital* é a “obra principal”, não obstante o caráter fragmentário descrito no começo deste artigo, desta forma encoberto.<sup>30</sup> À terceira seção foram reservadas as cartas dirigidas a Marx e a Engels. Com respeito à exposição textual, uma correção procurou melhorar os ditos erros de conteúdo e introduzir conectivos na escrita de Marx, de modo algum só por causa da legibilidade dos textos, mas para sugerir que ele os elaborara de modo completo, o que ocorria especialmente onde eram publicadas anotações e material manuscrito. Finalmente, é preciso lembrar que em certos casos foi simplesmente suspensa a publicação de textos desagradáveis. Tal censura aconteceu com as passagens de crítica à Rússia logo no começo da edição dos manuscritos de Marx sobre a questão polonesa (1863-1864), que tiveram de ser publicadas em 1981, porém, devido ao sucesso do movimento do Solidariedade na Polônia.

Ou seja, a edição histórico-crítica da *MEGA 2* também estava sob o primado do político. Por isso ficou claro, quando os Institutos do Partido em Berlim e Moscou foram fechados depois de 1989, que também a edição seria suspensa. Já haviam aparecido até então quarenta volumes, e evidentemente o projeto de uma publicação de todos os escritos de Marx sob forma autêntica mais uma vez naufragara.

28 Tais questões de ordem não são de modo algum externas. Elas mostram de forma interessante a hipótese de Jürgen Rojahn, de que Marx começou os seus estudos econômicos possivelmente no contexto de sua crítica filosófica mais ampla ao “atraso” alemão, não tendo em vista já desde o início uma anatomia da sociedade burguesa mediante a crítica da economia política (Rojahn, 1985, p.658).

29 Ocorreu isso no caso dos *Manuscritos econômico-filosóficos* na *MEGA* I/2 e da *Dialética da natureza* na *MEGA* I/26.

30 De fato, já na primeira *MEGA* havia a orientação de dedicar a *O capital* uma seção própria, só que então se falava, de modo mais cauteloso (e exato) da “obra econômica principal de Marx” (Riazanov, 1927, p.XXV).

Existiam três opções no começo dos anos 1990 para a *MEGA*: parar com a edição; recomeçar da estaca zero; ou continuar em novas bases. A opção de parar contrariava inúmeras iniciativas de cientistas, especialmente do exterior, que apelaram para a continuação da edição até em função da importância mundial do pensamento de Marx. Um recomeço total também não era necessário, uma vez que a avaliação da edição, feita por Dieter Heinrich, chegou à conclusão de que ela “tinha sido realizada em alto nível” (Heinrich, 1993, p.20), de modo que era possível decidir-se pela continuação em bases modificadas.

A reorganização da *MEGA 2* ocorreu em quatro passos.<sup>31</sup> No começo, 1990, o reordenamento institucional aconteceu com a criação da Fundação Internacional Marx-Engels (IMES),<sup>32</sup> sediada em Amsterdam, cuja finalidade é continuar o trabalho da *MEGA* “em bases claramente científicas e politicamente independentes” e que atua desde então como editora dos volumes da *MEGA*.<sup>33</sup> Em uma conferência internacional de editores, realizada em Aix-en-Provence em 1992, chegou-se a diretrizes editoriais para a nova edição, que em seu núcleo exigia comprovações bibliográficas exatas, fiéis ao texto, e neutralidade estrita quanto à visão de mundo implícita nos comentários. Nesse contexto, como terceiro passo, procedeu-se ao redimensionamento do projeto dos antes 165, para os atuais 114 volumes duplos. E quarto, houve a mudança de editora, da Dietz Verlag para a Akademie Verlag.

Os trabalhos de edição foram retomados em 1994 com um grupo pequeno de colaboradores na Academia de Ciências de Brandemburgo (Berlim). Com isso, pela primeira vez em sua história a *MEGA* abrigou-se junto a uma academia alemã. Dali são coordenados grupos de trabalho em Moscou, Amsterdam, Trier, Itália, Dinamarca e Japão, onde volumes individuais são respectivamente elaborados. No ano de 1998 apareceu o primeiro volume elaborado conforme estes novos princípios editoriais, que recebeu grande atenção e sobre o qual o jornal *Die Zeit* escreveu:

No sentido mais pleno da palavra, a *MEGA* é um empreendimento secular, e o seu começo, o seu naufrágio e a sua retomada paradigmaticamente refletem as tragédias históricas do século XX. Se ela [...] for concluída, terão sido necessários exatos cem anos para a obra de Marx e de Engels ter se descortinado ao público leitor de modo fiel ao original, isto é, sem censura. (Lohmann, 1999, p.52)

31 Ver Rojahn (1994, p.5-31).

32 Sigla alemã de Internationale Marx-Engels Stiftung (N. T.).

33 Citado do Estatuto do IMES. Instituições membros do IMES são o Instituto Internacional para a História Social (IISG – Amsterdam), o Instituto de Pesquisa Histórica da Fundação Friedrich-Ebert, a Academia de Ciências de Berlim-Brandemburgo, bem como o Arquivo Público Russo para a História Social e Política (Moscou). O secretariado está desde o ano 2000 na Academia de Ciências de Berlim-Brandemburgo. A estrutura organizacional e o estado atual de elaboração da *MEGA 2* vem em <<http://www.de/bbaw/Forschung/Forschungsprojekte/mega/de>>.

Desde então foram publicados mais nove volumes em todas as seções da *MEGA 2*, em tiragens de milhares de exemplares espalhados por todo o mundo; por fim, foi apresentado ao público em Bonn, em fevereiro de 2005, o quinquagésimo volume da edição.<sup>34</sup>

O que dissemos até aqui é suficiente sobre a história externa da obra de Marx em suas edições.

Na segunda parte desta minha contribuição, devem ser esboçados de forma concisa os resultados intelectuais já obtidos e os que podem ser esperados a partir dos volumes da *MEGA 2* restabelecida. De início, destaquemos mais uma vez que foi justamente o caráter filológico que salvou da mudança histórica o empreendimento da *MEGA*, antes político. Embora pouco de fato pudesse ser revisto no núcleo filológico da *MEGA 2* depois de 1990, era ainda preciso garantir uma validade consequente para o primado da filologia. A tarefa de despolitização da edição era algo novo, especialmente nos comentários. No lugar das anteriores interpretações e imperativos editoriais politicamente motivados, surge agora o princípio da historicização consequente da obra de Marx. Isso implica uma contextualização intelectual que discuta o pensamento de Marx no nexo do seu tempo e no horizonte de seus problemas e questões.<sup>35</sup> Quais perspectivas surgem da obra de Marx a partir de tal ótica, isso é algo que deve ser ilustrado em função de exemplos retirados de alguns dos volumes recém-publicados.

Para a primeira seção, a das “obras”, gostaria de retornar à já citada *A ideologia alemã*. Tal obra foi editada no volume 5 da primeira seção da *MEGA 2*, não mais como uma obra acabada. Pois os testemunhos textuais provam que nem no começo, nem no outono de 1845 havia plano para uma obra em dois volumes com esse título. Ao contrário, Marx e Engels começaram a crítica da filosofia dos jovens hegelianos com um artigo contra Bruno Bauer, cujo esboço pode ser em parte reconstituído dos manuscritos originais legados. Os rascunhos, anotações e fragmentos em estado bruto, organizados nas edições até hoje pelas hipóteses e interpretações dos editores como sendo o capítulo 1, “Feuerbach”, estão expostos pela primeira vez como textos autônomos e editados tal como deixados pelos autores.<sup>36</sup> Ao contrário, as edições anteriores eram marcadas em geral pela intenção política de demonstrar a formulação sistemática do materialismo histórico em *A ideologia alemã*. Assim, no prefácio para a edição da *MEW* desse texto, é dito que Marx e Engels teriam concluído aí a “elaboração do materialismo histórico” e “exposto suas diretrizes pela primeira vez detalhadamente na primeira seção

34 As conferências comemorativas proferidas por Herfried Mukler, por Bertram Schefold e Izumi Omura estão reportadas em Bouvier (2005).

35 Ver sobre isso Gerald Hubmann, Herfried Münkler, Manfred Neuhaus (2001, p.299-311).

36 Ver Marx e Engels (2004).

desta obra”.<sup>37</sup> Mas nem são demonstradas as intenções dos autores,<sup>38</sup> nem a constituição de uma obra acabada. O manuscrito de Marx e Engels sabidamente não foi publicado; conforme declaração de Marx, seu “objetivo principal” consistiu no “autoesclarecimento”, e depois foi deixado para “a crítica roedora dos ratos” (Marx, 1980, p.102). Na *MEGA 2*, de acordo com o novo paradigma filológico, aquilo que os autores não quiseram levar adiante não foi arrumado ou completado.

De modo algum, porém, a postura filológica traz apenas um traço desconstrutivo para a obra de Marx; ela pode também ser totalmente reconstrutiva. Nesse sentido, análises detalhadas de autoria puderam identificar 21 novos trabalhos de Marx e Engels para o recém-editado tomo 14 da primeira seção, que contém os trabalhos jornalísticos de Marx e Engels do ano de 1855 – trata-se de quase duzentos artigos de jornal, geralmente para o *New York Tribune* (Marx; Engels, 2001).<sup>39</sup> Por outro lado, foram considerados falsos trabalhos jornalísticos publicados em outras edições com o nome de Marx ou de Engels.<sup>40</sup> Isso quer dizer, então: a filologia editorial confere à própria obra sempre novos contornos.<sup>41</sup>

A nova *MEGA 2* sugere na segunda seção, “*O capital* e escritos preparatórios”, não mais a “obra principal”, limitando-se a reconstituir de modo autêntico e relacionar uns com os outros os manuscritos básicos de Marx, os manuscritos de redação de Engels e as versões impressas dos Livros II e III: mediante índices detalhados, cada parte do texto da versão impressa pode ser referido à correspondente parte do manuscrito de Marx, e também os acréscimos e modificações do texto por Friedrich Engels são apreendidos em seu lugar próprio. Com isso, é

37 Citação do prefácio da edição *MEW de A ideologia alemã* (Marx; Engels, 1969, p.VI-VIII). Com uma argumentação circular semelhante – pois como Marx e Engels teriam podido concluir antes, como teriam podido elaborar antes uma nova teoria sobre a história universal tal como o materialismo dialético e histórico? – também nos demais volumes foram ordenados os respectivos textos em seu contexto teleológico. Aham-se formulações análogas também no prefácio ao primeiro volume complementar, no qual finalmente foram apresentados, em 1968, os *Manuscritos econômico-filosóficos*. Do mesmo modo que em *A ideologia alemã*, eles conteriam em germe a doutrina da “ditadura do proletariado” (Marx; Engels, 1969, p.VIII); inversamente, “um entendimento correto dos primeiros trabalhos de Marx e de Engels” só seria possível sobre a base de um “conhecimento exato do *Manifesto do Partido Comunista*, de *O capital*” e de outros escritos fundamentais do movimento marxista (Marx, 1982c, p.VII).

38 Marx fala simplesmente de que ele e Engels teriam começado a “elaborar em conjunto” a sua perspectiva “em relação ao ideológico da filosofia alemã”, para “romper com a sua consciência filosófica anterior” (Marx, 1980, p.102).

39 Sob o ponto de vista do assunto, os trabalhos jornalísticos de Marx mostram uma discussão diferenciada do sistema parlamentarista da Grã-Bretanha, só agora passível de avaliação pelas pesquisas.

40 Ver Marx e Engels (1991). Alguns dos trabalhos impressos não foram redigidos por Marx ou por Engels. Sobre isso, ver Marx e Engels (2001, p.899).

41 Também em relação à *Nova Gazeta Renana* (1848-1849), além das 420 contribuições de Marx e Engels já conhecidas, 85 novos textos foram acrescentados até agora no quadro do trabalho editorial dos tomos 7 e 9 da primeira seção da *MEGA 2*, reconhecidos como de sua autoria por análise detalhada. Inversamente, aqui também há artigos até agora atribuídos a Marx e Engels que não foram escritos por eles. Foi demonstrado há pouco tempo, por exemplo, que as treze contribuições da sequência de artigos sobre o “Affaire Risquons-Tout” (*Nova Gazeta Renana*, 12 ago. a 3 set. 1848) não foram redigidas por Marx ou Engels, e sim por Georg Weerth.

posto à disposição da pesquisa um instrumento que permite avaliar com precisão o estágio da preparação de *O capital*. Que seja dito desde já, contudo: de acordo com a publicação da *MEGA 2*, *O capital* certamente não poderá mais ser visto como uma obra acabada em três livros. Em vez disso, o resultado filológico está mais próximo de um projeto deixado em estado fragmentário ou de um manuscrito de pesquisa – principalmente os manuscritos legados para o Livro III dão a impressão de que o pensamento de Marx havia tomado um novo rumo nos anos 1870: por exemplo, ele se dedicava intensamente ao potencial de crescimento e aos mercados monetários dos Estados Unidos.<sup>42</sup>

Os manuscritos e notas da quarta seção da *MEGA 2*, praticamente não publicados até agora, refletem de modo especial o princípio encicpedista seguido por Marx em seus estudos e interesses de pesquisa. Assim, o tomo 31 da quarta seção, publicado em 1999, inaugura a fase de estudos intensivos de ciências naturais dos anos 1877 a 1883. O espaço maior é ocupado por notas e observações a respeito de química. Dizia-se no passado que esses estudos de química de Marx estavam relacionados simplesmente com a sua economia – principalmente com a teoria da renda da terra – e que por isso ele se interessou pela Agroquímica e pelos trabalhos de Justus Liebig e James Finlay Weir Johnston.<sup>43</sup> Os materiais agora publicados, porém, mostram um Marx amplamente preocupado com a teoria atômica e molecular, o que parece indicar muito mais um interesse genuíno pelos desenvolvimentos teóricos das ciências naturais do seu tempo. Isso é confirmado por outras coleções de material, tais como a de notas abrangentes sobre Fisiologia do ano de 1876 e o manuscrito de 1878 sobre Geologia e Mineralogia, ainda em fase de edição e transcrição das suas 1.034 páginas. Também aqui seria de perguntar se este manuscrito sobre Geologia serviria apenas para compor uma visão de mundo histórico-materialista sobre a base do evolucionismo natural, ou se o interesse de Marx por Geologia não devia ser julgado indicador de um princípio de pesquisa encicpedista.<sup>44</sup>

42 Sobre isso, ver a seção “Interesse especial no desenvolvimento econômico dos Estados Unidos” da “Introdução” da *MEGA*, II/14 (Marx; Engels, 2001, p.451-454). Ainda em 1880, Marx escreveu em uma carta de 27 de junho de 1880, a Nieuwenhuis, que “justamente neste momento certos fenômenos econômicos entraram em novo estágio de desenvolvimento, ou seja, exigem uma nova elaboração” (Marx; Engels, 1966, p.447). Declarações como essa documentam o processo de pesquisa não acabado de Marx e esclarecem ainda mais como é inadequado falar de uma obra completa em relação a *O capital*.

43 As anotações de Marx sobre Liebig e Johnston do ano de 1851 usadas no Livro I de *O capital* e outros escritos econômicos, estão publicados no IV/9 da *MEGA 2* (Marx, 1991).

44 A última afirmação é apoiada pelo fato de que já no jovem Marx a “geognose” aparecia como a ciência na qual se apresentava “o devir da terra como um processo, uma autocriação” (Marx, 1982a, p.273). O conceito de formação geológica serviu depois de impulso para a terminologia marxiana referente à formação social: “Assim como não se pode acreditar em períodos súbita e fortemente separados no caso das diversas formações geológicas, também não no que tange à composição (Bildung) das várias formações (Formationen) econômico-sociais” (Marx, 1982b, p.1972). Ainda na sua carta de 1881 a Vera Sassulich, Marx volta à analogia: “Do mesmo modo que nas formações geológicas, há nas formações (Formationen) históricas toda uma sequência de tipos primários,

Além disso, é preciso constatar uma mudança nas premissas metódicas: mesmo quando não se pretende ir tão longe, como na tese defendida por um resenhista do mencionado tomo, de que a química tinha naquele momento para Marx o estatuto de uma “ciência orientadora” (Engel, 2001, p.49), pelo menos algo aí aponta no sentido de que nos seus estudos sobre ciências naturais Marx se desviava da dialética e tomava o caminho dos modelos de pensamento analíticos<sup>45</sup> – ao contrário de Engels, aliás, que sempre manteve a sua interpretação dialético-metafísica do conhecimento das ciências naturais.<sup>46</sup>

Embora a “obra” de Marx deva ser estabelecida – não foi publicada ainda nem a metade da Gesamtausgabe – começa a se desenhar uma nova imagem de Marx, contudo. Em resumo, poderia ser dito que a imagem traçada até hoje pelas edições politicamente direcionadas – Marx primordialmente como autor social-revolucionário dedicado à Economia Política – era antes de tudo estreita demais. Mais ainda, ela era direcionada por uma teleologia falsa: “Marx correria de um conhecimento a outro como que sobre trilhos e seguindo um mapa de viagem não revelado, tarefa para a qual lhe serviria de fiel compasso a adesão ao partido do proletariado”.<sup>47</sup> Inversamente, Marx aparece cada vez mais como um dos últimos eruditos de saber enciclopedista – assim firmando-se na tradição do Iluminismo europeu, mas também na do Idealismo Alemão – cuja obra em grande parte permanece fragmentária, e com isso poucas soluções pode oferecer, mas que se empenha nos problemas da modernidade.

De todo modo, a recepção dos novos tomos da *MEGA 2* aponta nessa direção, despertando grande atenção em jornais e revistas. A despolitização da *MEGA 2* foi saudada, desde o jornal *Die Welt* (Kellerhoff, 2004, p.28) até o esquerdista *Tageszeitung*, com o tom geral soando mais ou menos como o título de uma página especial desse último: “Filologia e Revolução: para o sucesso da cientificidade” (Semler, 2004, p.IV). Só a extrema esquerda do *Jungen Welt* criticou em um editorial de página dupla a virada filológica da *MEGA 2*, pois ela “prejudicaria no mais alto grau a efetividade” política (Heuer, 2004, p.104). Exigia-se aqui um tratamento político instrumental do pensamento de Marx, como se isso já não tivesse ocorrido o suficiente. Essa exigência pode ser respondida com uma palavra de Marx, para encerrar: “Uma pessoa que procure não se apropriar da ciência

---

secundários, terciários etc.” (Marx, 1962, p.386). Claramente, é a orientação enciclopedista dos estudos de Marx – e não uma exigência estritamente ligada à economia – que deram à sua análise a grande pregnância e fertilidade. Esta universalidade, porém, só pode ser trazida à luz em uma edição completa, abrangente e documentada sem intervenção ideológica.

45 Sobre os estudos tardios das ciências naturais por Marx, ver a Introdução da *MEGA*, IV/31, (Marx; Engels, 1999, p.627-650).

46 A respeito disso, ver os manuscritos de Engels de 1873 a 1882 reunidos na *Dialética da natureza* (Engels, 1985).

47 Nessa imagem, Manfred Neuhaus resumiu a compreensão de Marx pelo socialismo real antes dominante (Hubmann; Neuhaus, 2003, p.86). Jürgen Rojahn havia já apresentado em 1985 esta compreensão teleológica como a causa do ordenamento errôneo dos textos (Rojahn, 1985).

a partir dela mesma (por mais que o faça de modo errado), mas acomodá-la ao ponto de vista emprestado de interesses externos, estranhos e alheios a ela, eu a chamo de ‘vulgar’” (Marx, 1978, p.771).

### Referências bibliográficas

- BAHNE, S.. Zur Geschichte der ersten Marx-Engels Gesamtausgabe. In: HARSTICK, Hans-Peter; HERZIG, Arno; PELGER, Hans (orgs.). *Festschrift für Shlomo Na'aman zum 70. Geburtstag*. Trier, 1983.
- BEBEL, A.; BERNSTEIN, E. (orgs.). *Der Briefwechsel zwischen Friederich Engels und Karl Marx, 1844 bis 1883*. Stuttgart, 1913.
- BEITRÄGE zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge – *Stalinismus und das Ende der ersten Marx-Engels Gesamtausgabe (1931-1941)*. Volume especial número 3. Berlin-Hamburg, 2001.
- BLUMENBERG, W. *Karl Marx in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Reinbeck, 1962.
- BOUVIER, B. (org.). *Karl Marx: Neue Perspektiven auf sein Werk*. Bonn, 2005.
- DLUBEK, R. Frühe Initiativen zur Vorbereitung einer neuen MEGA, 1955-1958. In: VOLLGRAF, Carl-Erich; SPERL, Richard; HECKER, Rolf (orgs.). *Zur Kritik und Geschichte der MEGA*. Hamburg, 1992.
- . Die Entstehung der zweiten Marx-Engels Gesamtausgabe im Spannungsfeld von legitimatorischen Auftrag und editorischen Sorgfalt. In: *MEGA Studien*. Amsterdam, 1994.
- ENGEL, M. Wie gingen Marx und Engels an die Naturwissenschaften heran? *Nachrichten aus der Chemie*. Januar 2001.
- ENGELS, F. Dialektik der Natur (1873-1882). In: *MEGA*, I/26. Berlin, 1985.
- . Briefe, April 1883 bis Dezember 1887. *MEW*, v.36. Berlin, 1967.
- FURTH, P.; LIEBER, H.-J. (orgs.). *Karl Marx: Werke, Schriften, Briefe*. Stuttgart, 1960-1964.
- HEINRICH, D. Die Marx-Engels Gesamtausgabe in der Akademieforschung. *Akademie-Journal*, 1993.
- HEUER, U.-J. Die Umbewertung des Marxschen Denkens. *Junge Welt*, 13 outubro 2004.
- HUBMANN, G.; MÜNKLER, H.; NEUHAUS, M. “...es kommt darauf an, sie zu verändern”: Zur Wiederaufnahme der MEGA. *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*. Berlin, 2001.
- HUBMANN, G.; NEUHAUS, M. O empreendimento da MEGA. Entrevista para *Berliner Debatte Initial*, 2003.
- KELLERHOFF, S. F. Die Deutsche Ideologie hat es nie gegeben: Die Marx-Engels Gesamtausgabe setzt auf Textkritik und räumt mit alten Stilisierungen auf. *Die Welt*, 12 maio 2004.
- KÜLOV, V.; JAROSLAVSKI, A. (orgs.). *David Riazanov: Marx-Engels Forscher, Humanist, Dissident*. Berlin, 1993.
- KUNDEL, E.; MALYSCH, A.. Bilanz und Perspektiven: Ein Bericht der Sekretäre der Redaktionskommission über die Herausgabe der Marx-Engels Gesamtausgabe nach dem Erscheinen der ersten zehn Bände. *Marx-Engels Jahrbuch*, v.4. Berlin, 1981.

- LOHMANN, H.-M. Säkulares Unternehmen: Ein überfälliger Akt historischer Gerechtigkeit: die Fortsetzung der Marx-Engels Gesamtausgabe. *Die Zeit*, 25 fevereiro 1999.
- MARX, K. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie, Livro II. In: *Marx-Engels Werke*, v.24 [MEW 24]. Berlin: Dietz Verlag, 1963.
- \_\_\_\_\_. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Dritter Band. Herausgegeben von Friedrich Engels. Hamburg, 1894. In: *MEGA*, II/15. Berlin: Akademie Verlag, 2004.
- \_\_\_\_\_. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. Zweites Buch. Redaktionsmanuskript von Friedrich Engels 1884/1885. In: *MEGA*, II/12. Berlin, 2005.
- \_\_\_\_\_. Karl Marx: Exzerpte und Notizen, Juli bis September 1851. In: *MEGA*, IV/9. Berlin, 1991.
- \_\_\_\_\_. Karl Marx: Werke, Artikel, Literarische Versuche bis März 1843. In: *MEGA*, I/1. Berlin, 1975.
- \_\_\_\_\_. Karl Marx e Friederich Engels: Manuskripte und redaktionelle Texte zum dritten Buch des Kapitals. 1871/1895. In: *MEGA*, II/14. Berlin, 2003.
- \_\_\_\_\_. Schriften, Manuskripte, Briefe bis 1844. In: *MEW*, n.41, volume complementar. Berlin, 1982c.
- \_\_\_\_\_. Werke, Artikel, Entwürfe, März 1843 bis August 1844. In: *MEGA*, I/2. Berlin, 1982a.
- \_\_\_\_\_. Zur Kritik der Politischen Ökonomie (Manuskript 1861-1863). In: *MEGA*, II/3.6. Berlin, 1982b.
- \_\_\_\_\_. Zur Kritik der Politischen Ökonomie (Manuskript 1861-1863). Theil 3: Theorien über den Mehrwert. In: *MEGA*, II/3.3. Berlin, 1978.
- \_\_\_\_\_. Zur Kritik der Politischen Ökonomie. In: *MEGA*, II/2. Berlin, 1980.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. Briefe, Oktober 1864 bis Dezember 1867. In: *MEW*, v.31. Berlin, 1965.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Briefwechsel zwischen Marx und Engels, Februar 1875 bis September 1880. In: *MEW*, v.34. Berlin, 1966.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Briefwechsel, Januar 1858 bis August 1859. In: *MEGA*, III/9. Berlin, 2003.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Die deutsche Ideologie. Artikel, Druckvorlagen, Entwürfe, Reinschrift-entfragmente und Notizen zu I. Feuerbach und II. Sankt Bruno. In: *Marx-Engels Jahrbuch 2003*. Berlin, 2004.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Die Deutsche Ideologie. In: *MEW*, v.3. Berlin, 1969.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Exzerpte und Notizen, 1843 bis Januar 1845. In: *MEGA*, IV/2. Berlin, 1981.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Gesamtausgabe (*MEGA 2*), Proband. Fundamentos editoriais e volumes de prova. *MEGA*. Berlin, 1972.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Naturwissenschaftliche Exzerpte und Notizen, Mitte 1877 bis Anfang 1883. In: *MEGA*, IV/31. Berlin, 1999.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Russlands Drang nach Westen*. Der Krimkrieg und die europäische Geheimdiplomatie im 19. Jahrhundert. Com posfácio de Lothar Rühl. Zurique, 1991.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Werke, Artikel, Entwürfe. In: *MEGA*, I/14. Berlin, 2001.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Werke, Juli 1857 bis November 1860. In: *MEW*, v.14. Berlin, 1961.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Werke, März 1875 bis Mai 1883. In: *MEW*, v.19. Berlin, 1962.
- RIAZANOV, D. Prefácio da Gesamtausgabe. In: *MEGA*, I/1. Frankfurt, 1927.
- ROJAHN, J. Die Marxschen Manuskripte aus dem Jahre 1844 in den neuen Marx-Engels Gesamtausgabe. *Archiv für Sozialgeschichte*, v. XXV. Bonn, 1985.



- \_\_\_\_\_. Und sie bewegt sich doch! Die Fortsetzung der Arbeit an der *MEGA* unter dem Schirm des IMES. In: *MEGA-Studien*, caderno 1. Amsterdam, 1994.
- \_\_\_\_\_. Edition im Spannungsfeld von Politik und Wissenschaft (Marx/Engels). In: RUDOLF, H.-G. (org.). *Die Funktion von Editionen in Wissenschaft und Gesellschaft*. Ringvorlesung des Studiengbiets Editionswissenschaft an den Freien Universität Berlin. Berlin, 1998.
- SEMLER, C. Philologie und Revolution: Mit Wissenschaftlichkeit zum Erfolg. *Die Tageszeitung*, 14 e 15 agosto 2004.
- SOMBART, W. Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx. *Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik*, caderno 4. Berlin, 1894.
- SPERL, R. Marx-Engels-Editionen. In: NUTH-KOFOTH, Rüdiger; PLACHTA, B. (orgs.). *Editionen zu deutschsprachigen Autoren als Spiegel der Editions-geschichte*. Tübingen, 2005.

# Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe

GERALD HUBMANN

*Resumo:* Entre outras consequências políticas, a queda do Muro de Berlim em 1989 colocou em risco a continuidade do projeto da edição da obra completa de Marx e Engels – *MEGA*, na sigla alemã – que conseguiu sobreviver graças a um giro de perspectiva editorial, explicado no artigo. O trabalho passou para a responsabilidade da Academia de Ciências de Berlim e recebeu um caráter mais filológico do que diretamente político, orientando-se pelo objetivo de contribuir para pesquisas científicas sobre as obras e os pensamentos de Marx e de Engels. As vantagens daí decorrentes e a crítica da perspectiva política das edições anteriores são o objeto do presente texto.

*Palavras-chave:* Segunda *MEGA*, Filologia e política, Crítica textual, *O capital*, *A ideologia alemã*.

*Abstract:* Among other political consequences, the fall of the Wall of Berlin in 1989 threatened the continuity of the *MEGA* project – Marx Engels complete edition, in the German abbreviation – whose survival was due to a change of the editorial perspective, explained in this article. The responsibility for the work was taken by the Academy of Sciences of Berlin and thus received a more philological than a directly political character, being oriented by the goal of contributing to scientific research on the works and thought of Marx and Engels. The deriving advantages and the critique of the political perspective of previous editions are the object of the present text.

*Keywords:* Second *MEGA*, Philology and politics, Textual criticism, *The Capital*, *The German Ideology*.

## A moral em Marx

YVON QUINIOU

*Resumo:* O artigo discute em que medida e sob que forma a moral intervém na obra de Marx e, ao mesmo tempo, em sua compreensão crítica do capitalismo e em seu projeto de transformação comunista da sociedade. O autor sustenta que, se não se pode falar em uma moral *de* Marx, deve-se falar de uma moral *em* Marx, para contemplar o extraordinário alcance normativo de seu trabalho e não ocultar seu tenaz poder de interpelação prática ainda hoje.

*Palavras-chave:* Moral, Ética, Materialismo, Capitalismo.

*Abstract:* The article discusses to what extent and in what form the moral intervenes in the Marx's work and at the same time, in his critical understanding of capitalism and his